BIBLIOTECA MUNICIPAL DE LISBOA

mocidade
portuguesa
feminina

J. Wright

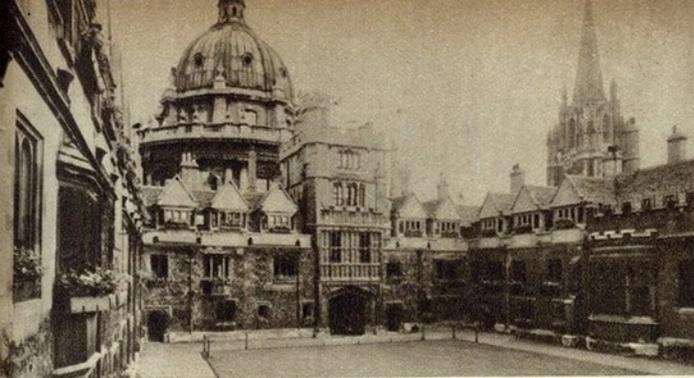
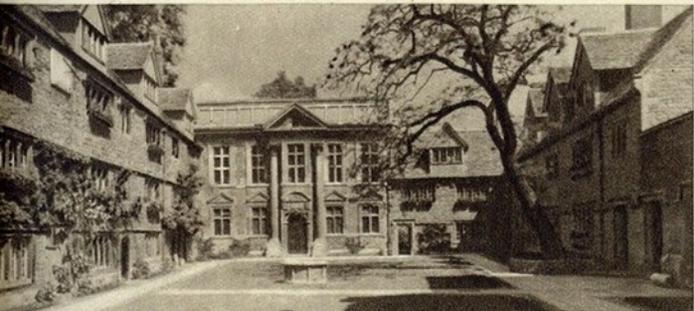
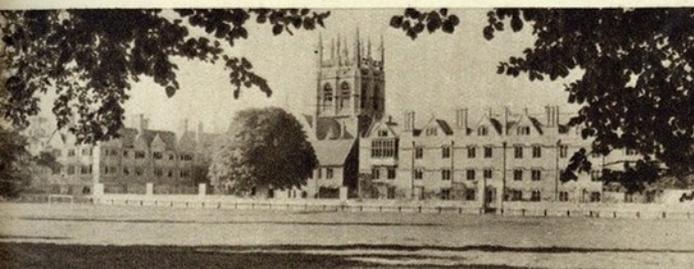
Foto: FERNANDO DE PONTE E SOUSA

N.° 79 NOVEMBRO 1945

SUMÁRIO

Obra das Mães pela Educaçao Nacional
"MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA"

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada - Lisboa

Assinatura ao ano 12$00 Escudos — Número avulso 1$00 Escudo

Colégio «Brasenose»

Colégio de «S. Edmundo»

Colégio de «Merton»

À saída do Colégio «Rainha Margarida»

AGULHA E LINHA...

TENHO tentação de vos falar hoje de Oxford — mais pròpriamente, da Universidade de Oxford. E logo mais abaixo vereis porquê. Antes, pois, uns dados históricos que vos interessarão certamente.

Oxford — e os seus Colégios, que longa tradição ao longo de quási onze séculos!... E' que a Universidade festejou já em 1872 o seu primeiro milenário. E tudo continua ali, em S.[to] Aldate's Street, como se a Universidade fôsse de ontem.

Pontualmente, às 9 e cinco minutos da noite, ouvirás, todos os dias, as tradicionais 101 badaladas no sino velho, em memória de cada um dos cento e um alunos fundadores do Colégio de Cristo. Isto desde 1546.

A vida no Colégio Novo, que é fundação de 1379 — ou no Colégio Merton, patinado de velhice que vem desde 1264, é ainda agora a mesma como então, a esta distância de séculos. Oxford é Idade Média em cheio: costumes e usos, uniformes de estudantes, aulas e exames e doutoramentos, barretes e togas...

E os célebres Colégios estão batisados de nomes da Igreja, madrinha da Ciência e da Arte... Colégio de Todos os Santos, a Madalena, Corpus Cristhi, Igreja de Cristo, Trindade, São João, Jesus, Santo Edmundo, São Pedro, São Bento, Santa Ilda...

Já alguém escreveu que a Universidade não é «de» Oxford — mas «é» Oxford: os seus vinte e sete Colégios, independentes entre si, em edifícios próprios, com estatutos e usos próprios, e sem lei escrita — fazem a Universidade que é desta forma uma unidade invisível. Tôda a Oxford é a Universidade: os seus colégios com uma vida em liberdade e responsabilidades máximas: cada aluno escolhe os seus professores, de forma a poder mesmo procurar os dos outros Colégios, se os do seu o não satisfazem; cada aluno elabora o plano dos seus estudos, embora submetido à esclarecida revisão de uma autoridade; pode ou não assistir às aulas, embora tenha sempre alguém, o seu tutor, a quem deverá dar contas do que faz, todas as semanas.

Quatro dias por semana, ao menos, é obrigado a comer em família, com a família do seu colégio — e a bênção da mesa será dada por um aluno que resará em latim as orações litúrgicas.

* * *

Quiz dar-te um relato da vida universitária de Oxford. E' natural que não acabem de compreender êste *estilo medieval*, mas que ainda hoje dá tão ricos frutos na vida da democrática Inglaterra, as meninas portuguesas dêste tempo moderno...

E' natural... E' certo.

Pois que seja, para nosso mal. Mas não terminarei sem trazer para aqui mais êste pormenor tão... «medieval» — mas que explica lá tanta coisa grande, e, a sua falta, tanta vida pobresinha, cá...

Em dia de Ano Novo, o regente do Colégio da Rainha, fundado em 1340, entrega a cada aluno uma agulha e um carro de linha, usando esta fórmula sacramental já empregada pelo próprio fundador:

«Toma — e anda sempre bem arranjado».

O *gentleman* inglês não dispensa esta e outras tradições embora venham de há séculos... Tradições vivas, educativas, formadoras.

Compara agora com o que acontece contigo... Saberás tu sequer pegar na agulha?...

E faz parte do programa de ensino e educação que os teus te dão e com que te preparam para a vida, a agulha e a linha, quere dizer: aprendes a trabalhar, trabalho humilde e doméstico, trabalho simples — humildes ocupações que hão-de ser o dia-a-dia do teu futuro?

Naturalmente, indo atrás da moda, preferes tudo o mais, (mesmo que o aprendas mal, mesmo que nada interesse para a vida...) e deixas o principal.

Estais a pensar certamente em tanta amiga e companheira destas...

E em tantas infelicidades que isto traz quando, mais tarde, é preciso render e fazer os outros felizes...

G. A.

CONCURSO: FILIADAS DA M. P. F.! ATENÇÃO!

um grande concurso hoje se abre, destinado a encontrar a primeira pedra para a futura

Biblioteca das Lusitas

O Comissariado da M. P. F. pensou em chamar tôdas as raparigas da Mocidade a colaborar com as suas histórias e contos, para pouco a pouco, volume a volume, ir surgindo uma biblioteca para as lusitas, feita por elas e pelas suas irmãs.

Ouvi, pois, atentamente, do que se trata: — a seguir encontrareis quatro temas — que vos hão-de inspirar para a história que ides escrever e mandar logo para o vosso jornal. Para tanto, é preciso e basta:

1 — que os contos sejam... *só vossos!* — entendeis bem?

2 — que dêem entrada no Comissariado até ao próximo dia 25 de Janeiro.

3 — que tragam o vosso nome, idade, número de filiada, centro e região.

E pronto. Quereis agora saber qual o prémio para o melhor conto, dentro de cada escalão?

Pois sabei que o Comissariado Nacional mandará

Ilustrar e imprimir em livro os contos premiados

Imaginai, pois: Um livro vosso! um livro que será o primeiro da biblioteca das lusitas, com o vosso nome na capa, com desenhos feitos especialmente para êle!

★

Temas para o primeiro concurso da biblioteca das Lusitas

Lusitas: «A boneca de pasta da Chica trapeira e o bébé de loiça da menina rica».

— As bonecas também têm vida e história. Tal como as meninas, há as que são pobres, há as que são ricas. O que valerá mais na vida?

Infantas: «Aventuras da Maria Rita no país das meninas mentirosas».

— Era uma vez uma menina chamada Maria Rita que, de vez em quando, dizia a sua pêta... Mas um dia fez uma viagem ao país das meninas mentirosas — e por tais aventuras passou que...

São as infantas que nos vão contar essa história.

★

Vanguardistas: «O Mistério da gaveta antiga».

— Aquela gaveta sempre fechada de que a mãe guardava cuidadosamente a chave... O que esconderia ela?

Há uma coisa que se chama curiosidade... A Clarita era curiosa...

★

Lusas: «História das razões por que os ribeiros palram, as árvores gemem e as pedras são mudas».

— As lusas vão explicá-lo às suas irmãs mais novas.

Mas tendes de pôr-vos bem à altura delas, para que percebam a lição de fantasia que ides dar-lhes!

Foto: António Mendes

A rêde nas parábolas evangélicas

UMA parábola é uma alegoria, isto é, a explicação de uma idéia sob forma sensível.

Para fazer compreender ao povo, simples e ignorante, as verdades eternas, Nosso Senhor exemplificou a sua prégação com parábolas, comparações tiradas da vida ordinária.

Por duas vezes o divino Mestre se serviu da rêde para os seus ensinamentos.

Uma vez, empregou a rêde com imagem do reino dos céus: «*O reino dos céus é semelhante a uma rêde lançada ao mar e colhendo todos os peixes; a qual, estando cheia, tirando-os e sentando-se na praia escolherão os bons para os vasos e deitarão fora os maus*». (Math. XIII, 47-50).

Doutra vez, simbolizou com a rêde o apostolado. Depois de ter dito aos apóstolos. «*Ide mais ao largo e soltai as rêdes para pescar*» (e as rêdes vieram cheias), acrescentou: «*Desta hora em diante sereis pescadores de homens*». (Lucas. V, 4-10).

E, assim, Nosso Senhor se servia das coisas mais familiares para elevar os homens às coisas espirituais.

A MODA DAS PLUMAS

Há uns tempos para cá, as plumas e penas voltaram a aparecer. De vez em quando no decorrer dos séculos, as plumas tornam-se acessórios indispensáveis.

Usaram-nas os cavaleiros chapeados de ferro, em seus elmos e seus ginetes das côres das armas e brazões das suas casas para que os reconhecessem quando de viseira descida entravam em liça para o torneio, ou para que os notasse o inimigo quando pelejavam nos razos campos das batalhas.

No século XVIII ornamentavam-se os chapeus dos homens com plumas de todas as côres, que às vezes custavam verdadeiras fortunas.

Os nossos herois de 1640, usaram-nas frondosas em seus chapéus desabados.

Em 1700 os homens diminuiram-nas e as mulheres aumentaram-nas. No fim do reinado de Luiz XIV as plumas chegaram a atingir 90 centímetros. Até Luiz XVI as plumas persistiram e a infeliz Rainha Maria Antonieta usou-as tão altas que dificilmente entrava nos seus coches reais, e um dia teve que tirar o seu toucado por não caber e só o tornou a pôr à chegada.

Com a revolução francesa, a «pluma real» desapareceu, e as cidadãs substituiram-na pela «aigrette» mais marcial.

Em 1805 a «aigrette» foi substituida por alegres penachinhos. Depois vieram os «cascos à Minerva» flanqueados de uma pena de Avestruz.

Enfim no 2.º Império apareceram as penas de faisão e as longas plumas de avestruz enroladas sobre um toucado invariavelmente verde escuro.

As nossas Mães usaram na sua mocidade as célebres «pleureuses», enormes plumas de avestruz sôbre os grandes chapeus pretos «à Rembrant», e «Boás» de penas.

Depois veio a moda dos grandes leques de plumas, tão bonitos e tão graciosos.

Nos nossos tempos a pluma e a pena aparecem e desaparecem a intervalos certos, mas fizeram-se discretas e pequenas.

Os ingleses, grandes conservadôres de todas as suas tradições, conservam as plumas reais. Quando as senhoras e meninas da sociedade, ou as senhoras embaixatrizes, consulêsas e ministras são apresentadas a sua magestade a Rainha da Grã-Bretanha, levam 3 plumas no seu cabelo, sendo estas tão obrigatórias como o manto e a cauda do vestido e a côr branca para as meninas.

Entre nós ainda se conservam vestígios das grandezas das modas de antanho nas pluminhas brancas dos chapeus dos ministros e dos embaixadores, nos dos oficiais de marinha, nos chapeus de três bicos dos nossos cavaleiros tauromáquicos e nas cabeçadas dos arreios de cortezias de seus cavalos de combate.

Pouco resta da pluma altiva e aparatosa. É cara e a nossa época não pode dar-se a êsse luxo, mas é pena por que era bonita e ornamental.

MARIA BENEDITA

★ PRASCÓVIA ★

PELOS fins do reinado de Paulo I, imperador de tôdas as Rússias, existia em Ischim, miserável pequeno burgo dependente do govêrno de Tobolsk, uma pobre familia de exilados composta de três pessoas: — João Lopouloff, antigo capitão úngaro ao serviço da Rússia, Ana sua mulher, e Prascóvia filha de ambos. A criança tinha por assim dizer, nascido no exilio, pois que quando o pai fôra condenado a acabar os seus dias na Sibéria, contava ela apenas um ano de idade. Criada naquele triste meio de exilados, e não tendo nunca conhecido outro melhor, Prascóvia sentia-se suficientemente feliz com a ternura que lhe dispensavam seus pais bem como com a amisade de que a rodeavam os visinhos. Durante a estação invernosa gostava de ir de cabana em cabana onde armava pequeninas capelas que depois consagrava pela oração, porque primeiro que tudo Prascóvia era piedosa; depois, quando a primavera vinha alegrar as tristes e imensas vastidões, ei-la que corria através das florestas de pinheiros e de choupos colhendo aqui e ali a genciana vernal, a valeriana da Sibéria e as perpétuas silvestres que ostentam as suas soberbas florinhas mesmo junto à neve.

João Lopouloff vivia da diminuta retribuïção de dez copeks por dia, soma concedida a todo o exilado não condenado aos trabalhos públicos.

A' medida que Prascóvia ia crescendo, os dez copeks não chegavam já para a manutenção da familia; a criança apercebendo-se do embaraço dos pais, tomou a resolução de não se lhes tornar pesada e a partir dêsse momento cessaram para ela as distrações infantis. Em casa dos visinhos não mais apareceram as capelinhas construidas pelas suas mãos pequeninas e acabaram-se também os alegres passeios aos bosques de onde ela voltava risonha e carregada de flores e de apetitosos morangos amarelos, grandes e perfumados!

Prascóvia pediu trabalho a todos quantos pudessem dar-lho, e assim começou a ajudar as lavadeiras e os segadores que lhe pagavam a jornada em ovos, em frutos e em legumes que a pequenina siberiana levava à noite para a familia, feliz e contente com a sua coragem moça.

João Lopouloff mostrava-se reconhecido para com as fadigas da filha mas conservava sempre a saüdade da vida melhor que conhecera, e essa saüdade matava-o.

Freqüentes vezes quando se achava só, o velho e rude soldado de Paulo I chorava como uma criança e amargamente pedia a Deus a libertação ou a morte. Ana, a sua mulher, compreendia bem o desespêro do exilado; mas Prascóvia não atingia nunca bem a causa de tamanha pena; em vão lhe falavam das grandes cidades, das boas casas agasalhadas, dos divertimentos e das grandes festas mundanas; ela porém sentia-se ali tão bem, sobretudo tão querida na sua pequena aldeola de Ischim que duvidava sempre que se pudesse viver melhor em qualquer outro sitio. Porem um dia, vendo através das frestas de um tabique o pobre pai a chorar compreendeu quanto o exilio é um infortúnio.

Desde então, Prascóvia teve apenas um pensamento: — restituir seu pai a êsse mundo pelo qual êle se mostrava tão saüdoso, mas para isso era preciso ir a S. Petersburgo, pois que só o imperador tinha o poder de fazer cessar o exilio que sôbre êle pesava como um grilhão; Prascóvia porém não ousava falar ao pai no

PRASCOVIA

intuito que tinha de empreender tão longa viagem. Uma tarde, após o trabalho, dirigiu-se ao lugar aonde tinha o hábito de fazer as suas orações antes de voltar para casa, e, ai, sentiu-se sùbitamente resoluta a abrir a sua alma junto da mãe para que a ajudasse a vencer a presumível resistência do exilado. Ao entrar a porta, João Lopouloff em frente da biblia aberta lia alto a seguinte passagem: «Então um anjo de Deus chamou do céu a Agar, e disse-lhe: «Que fazes ai? vai, nada temas.» A jovem, tomando coragem com essas palavras que pareciam dirigidas a ela própria, confessou ingènuamente o plano concebido. De principio responderam-lhe por uma troça benévola mas como ela insistisse com aquela quente eloqüência que dão as resolução firmes e sublimes, os pais vendo na sua idéia apenas uma loucura de criança de catorze anos ordenaram-lhe imperiosamente que não mais se ocupasse com êsse projecto impraticável.

«Assim farei, disse Prascóvia, mas sob a condição de que o meu pai não volte a chorar; ao mais pequeno suspiro, à mais pequena lágrima, só escutarei então a voz de Deus, e se ela me disse: Vai! — irei.»

João Lopouloff e sua mulher, bem contra vontade haviam sido ríspidos para com Prascóvia, por isso ao acabar de falar foi por êles abraçada e o pai abençoando-a prometeu ter de futuro mais coragem. Por pouco tempo pôde manter a promessa: a tôda a hora transportado em pensamento aos tempos mais felizes, voltou de novo a chorar julgando que ninguém poderia ver as suas lágrimas. Prascóvia, ao notá-las, nada disse mas tomou desta vez a inabalável resolução de partir. Nenhum habitante de Ischim podia ausentar-se da aldeia sem um passaporte assinado pelo chefe militar do govêrno de Tobolsk; Prascóvia não sabia escrever; pediu a alguém da visinhança que se ocupasse dêsse assunto, rogando ao mesmo tempo o maior segrêdo. Ischim é longe de Tobolsk; a resposta do governador demorou mais de um mês. Cada dia a criança impaciente ia esperar a volta do correio à estação postal, mas ou o correio não vinha ou se vinha não trazia ainda a autorização desejada: por fim o passaporte chegou!

Como ela o recebeu com alegria! Como ela o apertou sôbre o coração e o beijou até! Como ela correu até junto da cabana habitada pelos pais, e também como hesitou quando já estava tão perto dêles! Temia a sua reprovação e embora submissa e respeitosa, nem ameaças nem rogos a poderiam demover, agora que possuia o precioso papel que lhe abria o caminho para S. Petersburgo. Não a censuraram nem lhe rogaram que ficasse, de tal modo estavam perturbados e comovidos, vendo-a tão resoluta. Abençoaram-na, e deram-lhe tudo o que possuiam em dinheiro, um só rublo; como nesse dia, 8 de Setembro se celebrasse uma festa em honra de Nossa Senhora, a jovem Seberiana suplicou aos pais que não retardassem a sua partida; era também o dia do seu aniversário, acabava de completar quinze anos.

Não ousamos descrever tão dolorosa separação, o religioso silêncio que precedeu a saida de Prascóvia da humilde cabana onde havia sido criada.

Entre os que ficavam, e aquela que para tão longe partia no cumprimento de santa missão filial, poderia ser uma separação eterna, por isso, nenhum dos três conseguiu sequer pronunciar uma simples palavra de despedida ou de consolação; apertaram-se silenciosamente as mãos sem uma lágrima. O pai e a mãe não deram um passo além da porta e a jovem afastou-se depressa sem se voltar.

Como se faltasse ainda para realçar a grandeza do seu empreendimento que ela recebesse o baptismo da humilhação, Prascóvia deixou a aldeia perseguida pela chacota dos seus habitantes, na maioria gente grosseira e endurecida pela desgraça, a qual via apenas no acto sublime por ela empreendido a estúpida e vaidosa pretenção de tentar um sucesso absolutamente impossivel.

Dois visinhos de João Loupoloff, exilados também, e que melhor haviam compreendido o nobre sentimento que inspirava a jovem, quizeram acompanhá-la até ao extremo limite do povoado.

Chegados ai, essas boas almas encomendando-a a Deus deram-lhe todo o fruto das suas economias, vinte kopecks um, trinta o outro, e por seu lado Prascóvia prometeu-lhes que os reüniria no pedido de indulto que ia tentar apresentar ao imperador, e por êles mandou um beijo aos pais.

Após o primeiro dia de jornada, encontrou pousada no casebre de uns honrados camponeses. Na manhã seguinte poz-se novamente em marcha, mas perdeu-se no caminho e depois de ter andado várias horas voltou a achar-se em frente da choupana onde generosamente lhe fôra oferecido abrigo para a noite. Não obstante esta lamentável prova, manteve a coragem. O seu hospedeiro aconselhou-a a voltar para Ischim. Prascóvia respondeu pedindo-lhe que lhe indicasse o caminho mais direito para S. Petersburgo; o camponês, encolhendo os ombros, apontou-lhe a estrada que deveria seguir e por ela a menina se afastou.

As provações seriam muitas dura[nte] a longa viagem: umas vezes era recebi[da] com rudeza por aqueles a quem pedi[a] abrigo, outras totalmente repelida como

se se tratasse de uma aventureira. Prascóvia sofreu tôdas as humilhações, enfrentou todos os obstáculos e suportou tôdas as privações que deveriam naturalmente atingir a débil viajante de quinze anos que sem guia atravessava os imensos desertos da Sibéria. Uma noite, surpreendida pela tempestade, refugiou-se sob uns pinheiros que a não garantiam contra o frio e a chuva.

Ao nascer do dia, ainda se arrastou pelo caminho, mas não podendo ir mais longe ai ficou meio morta de frio e coberta de lama; ia soar a sua última hora quando um aldeão passando numa carripana a viu e dela teve piedade, conduzindo-a até à aldeia próxima. Prascóvia foi de porta em porta pedindo asilo; estava porém num estado tão miserável que ninguém a queria receber e alguns mesmo a tomaram por ladra.

Sempre confiante em Deus e alimentando uma santa esperança, foi ajoelhar-se no pórtico de uma igreja cuja porta estava fechada. Estando aí o staroste (que desempenhava as funções de administrador do lugar) veio interrogar a pobre desconhecida; ela disse de onde vinha, e mostrando o passaporte contou onde pretendia ir.

Sùbitamente aquêles que a haviam insultado, tocados pela grandeza do seu projecto quási a levaram em triunfo para uma das casas que havia momentos se lhe fechara tão cruelmente. Aí descansou durante alguns dias; deram-lhe calçado, pois havia perdido os sapatos no lodaçal, e retomou em seguida a viagem, mas por pequenas jornadas e parando freqüentes vezes, devido à estação se ir tornando mais rigorosa e os caminhos quási impraticáveis. Em cada localidade onde era forçada a demorar-se, pagava a hospitalidade que lhe davam, lavando ou cosendo a roupa dos seus hospedeiros. Quási sempre a Providência a conduziu a casas de gente de bem, mas uma noite, estando deitada sôbre o grande lar da chaminé onde os camponeses russos fazem as camas, foi acordada pelos donos da casa e à luz de uma acha acesa fizeram-na levantar, gritando-lhe que lhe mostrasse todo o dinheiro que possuia; Prascóvia tinha apenas oitenta kopecks. — «Mentes, disse-lhe o homem; ninguém, se meteria a ir de Tobolsk a S. Petersburgo com oitenta kopecks apenas» e começaram a revolver tudo; não encontrando mais nada, os dois apoderaram-se do dinheiro e deixaram-na o resto da noite. A pobre criança não podia dormir; enfim, de manhã, quando tentava sair daquela horrível casa sem ser vista, apareceu-lhe o camponês no momento em que passava a porta: «Toma, disse-lhe êle, falaste verdade, só tinhas os oitenta kopecks. Adeus, e coragem!» Quando a alguns passos de ali Prascovia parou para contar a sua pequena fortuna viu que se encontrava na posse de cento e vinte kopecks.

Durante alguns dias pôde continuar a andar a pé mas os grandes frios tinham francamente chegado e a neve não cessava de cair. Estava já a uma curta distância da grande cidade de Ekatherinemburgo mas viu-se forçada a esperar no caminho a passagem de algum trenó onde por caridade a levassem. Aí teve que passar tôda a noite, batendo sempre os pés na neve para se livrar do entorpecimento que ela bem sabia poder causar-lhe a morte. Ao outro dia pôde então enxergar ao longe um combóio de trenós que levava provisões a Ekaterinemburgo para a festa do Natal.

Ao depararem com a pobre criança rôxa de frio, cujas lágrimas gelavam sôbre as faces, os condutores da caravana apressaram-se a aquecê-la nas suas peliças e deram-lhe lugar em um dos trenós.

Com êles chegou à cidade onde esperava encontrar o repouso de que tanto necessitava; mas no momento em que dizia à dona da estalagem: «Pode receber-me, minha senhora, tenho com que pagar a minha hospedagem», Prascóvia deu pela falta da bolsa de coiro que sem dúvida perdera na neve. A mulher não duvidou da veracidade dessa nova infelicidade de Prascóvia, ao ouvir-lhe a franca narração das diversas peripécias da viagem; acolheu-a no Kharstma (nome da estalagem) com tão boa vontade como se ela pudesse, como primeiro dissera, pagar a sua diária.

Prascóvia contudo, não se demorou muito pois que os trenós tinham de ir mais longe, e os seus condutores de boa vontade a levariam.

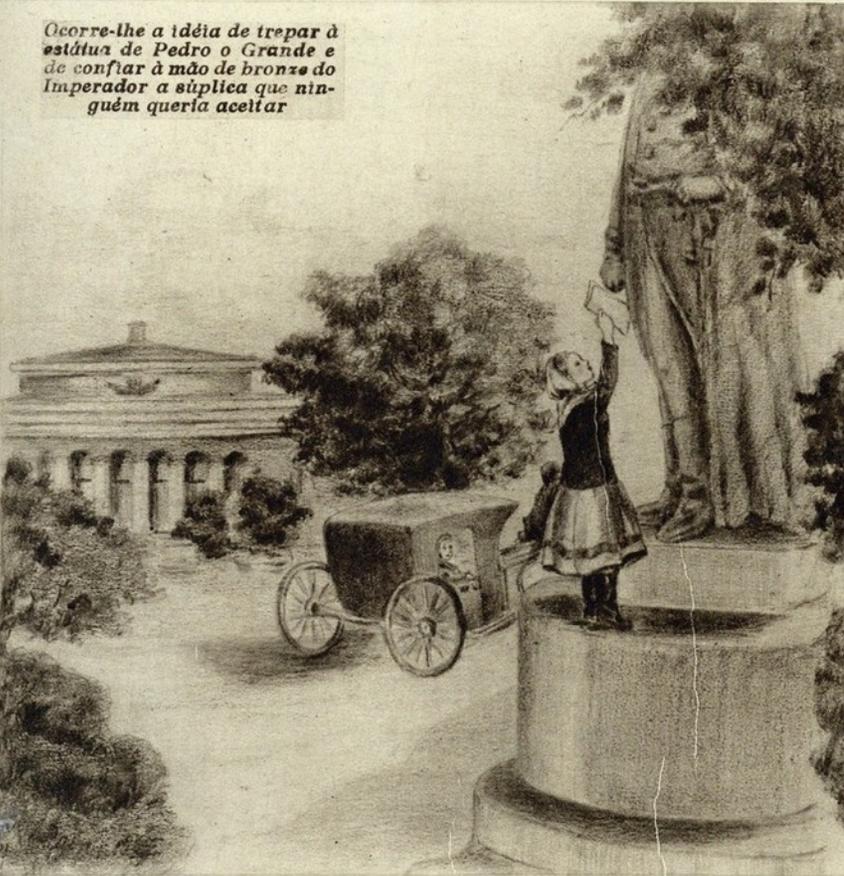
Sabendo agora a história da sua pequena protegida, cootizaram-se para lhe comprar uma boa peliça de pele de carneiro, mas o frio era tamanho que mesmo por um preço elevado nenhum dos habitantes quiz vender a sua. «Nesse caso disseram os homens, cada um por sua vez lhe emprestará um bocado o casaco e assim a menina não terá frio». Êste generoso projecto foi generosamente executado, durante todo o extenso caminho percorrido.

Chegados ao termo da viagem, deixaram-na em frente da igreja da vila, onde Prascóvia se apressou a entrar para agradecer a Deus o socôrro inesperado que obtivera daquêles bons homens. Uma senhora que ali se encontrava notou a sua pobreza e desagasalho e ficou impressionada. Madame Nilin, assim se chamava ela, interrogou-a e, dêste modo, a pequena viajante que ali não conhecia ninguém teve em breve uma protectora que por ela sentia verdadeira ternura como se o seu conhecimento datasse de há muito.

Levou Prascóvia para casa, e até ao regresso da primavera a caridosa senhora não deixou partir a simpática filha do exilado. Ensinou-a a ler e a escrever, e quando o tempo se tornou favorável, pagou-lhe a passagem num barco de transporte que a conduziria a Nijéni, presenteou-a com uma malasinha bem guarnecida de roupa, e deu-lhe algum dinheiro e uma carta de recomendação para uma importante dama de Moscovo. Os sentimentos religiosos da sua bemfeitora tinham feito ainda aumentar a piedade de Prascóvia. Quando era ignorante, a sua crença em Deus reflectia apenas o instinto de uma bela alma que se prendia à mais sublime das esperanças; mas depois que Madame Nilin tinha tido o cuidado de a instruir, a fé havia-se esclarecido, e rompera com os hábitos supersticiosos da infância, para apenas levantar o pensamento até às grandes e simples verdades da religião.

Na travessia que durou alguns dias correu o risco de perder a vida: devido a uma manobra errada, o barco esteve prestes a sossobrar e Prascóvia caiu ao rio. Salva a custo, não se decidiu por um sentimento de pudor a mudar de roupa diante dos companheiros de viagem e assim à sua chegada a Nigéni, adoeceu com um grave resfriamento; as religiosas de um convento que por conselho de Madame Nilin procurara, trataram-na, mas o seu restabelecimento demorou tanto que só lhe foi permitido partir quando os caminhos já estavam outra vez praticáveis para os trenós. Por tôda a parte onde Prascóvia se demorava, a sua graça, a sua beleza surpreendente, e mais ainda as suas virtudes modestas lhe grangeavam amigos; assim, quando estava

(Continua na pág. 15)

Ocorre-lhe a idéia de trepar à estátua de Pedro o Grande e de confiar à mão de bronze do Imperador a súplica que ninguém queria aceitar

Preparativos para o Natal

O Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo, época do ano abençoada e festiva entre tôdas, merece uma longa preparação.

Lembrando os presentes que os pastores e os Magos trouxeram ao Menino Deus, é costume entre nós celebrar essa festa da família com presentes e surpresas. Nada há mais agradável que receber presentes. Revela da parte de quem dá a lembrança e o amor ou amizade com que foram pensados e escolhidos. Ás vezes trabalho e sacrifício. Não é preciso dar presentes valiosos. A intenção e apresentação são tudo. Que gôsto trabalhar às escondidas nos presentes do Natal! A casa rescende a mistério!!!... Trocam-se olhares desconfiados... cada um tem um segrêdo!... Damos algumas idéias sôbre presentes e a forma de os apresentar.

M. B.

1 *Para uma senhora ou uma rapariga: Caixa de cartão forrada de chita ou sêda (conforme as posses) com aplicação de flôres recortadas de chita antiga: «matelassé». Qualquer rapariga jeitosa executa isto com perfeição. Pode oferecer-se com bolachas, caramelos ou rebuçados envolvidos em papel «selofan». E' destinado ao tricot. * Pregadeiras que se podem fazer aproveitando retalhos. * Envelope em pano, veludo ou chita (matelassé neste caso). Contém uma tesoira, ou uma lima e uma tesoira de unhas e neste caso também serve para oferecer a um homem.*

2 *Estes três envelopes fazem cada um de per-si um belo presente. Ficarão muito bem na gaveta da Mãe. Um para os lenços outro para as meias e outro para guardar a camisa de dormir, ou ainda para as luvas. * Um lindo par de chinelas feitas dum retalho de lã ou veludo; solas de corda ou de feltro. As rosas são bordadas a lã a ponto de cruz. Vão fazer as delícias da irmã mais nova.*

3 *Para a Avó, fêz Marta esta linda capa para a borracha da água quente. Como a mãe de Luiza tem que ter as mãos macias por trabalhar em costura, a filha oferece-lhe êste envelope com um tubo de Geleia de Glicerina e um bom sabonete. Esta linda pregadeira é para a tia Júlia.*

4 *Para a Madrinha, fêz Carlota êste saco de costura em fazenda lisa, azul. O fundo é redondo, cosido em costura a uma tira direita que forma o saco E' forrado de chita. No fundo tem umas passadeiras que prendem uma tesourinha, um dedal e um furador. E pregado, tem um livrinho em flanela para as agulhas. E' muito prático e bonito. Com bocadinhos de feltro fazem-se as flôres que guarnecem o saco.*

5 *Para a irmã casada: Avental feito com dois retalhos, um liso, outro às ramagens.*

6 *Triângulo feito a duas agulhas para lenço de pescoço: começa-se por uma só malha e aumenta-se uma malha em cada volta até chegar ao tamanho desejado. Remata-se a crochet. Bonito para a prima Virgínia que é friorenta.*

7 *Para o Avô, um saco de «selofan» cheio de caramelos e drops atado com uma fitinha de côr.*

8 *Para o Pai um potezinho de barro engraçado com marmelada ou dôce de castanha, cuidadosamente decorado com ginjas cristalizadas, pedaços de figos cristalizados (verdes) a fazer as fôlhas.*

9 *Para o seu afilhado forrou Luzia esta caixa que encheu de biscoitos feitos pela sua mão.*

10 *Para a irmã de Joana, convalescente, uma chávena para caldos, com bolachinhas dentro.*

11 *Para o Avô já vèlhinho, fêz Celeste esta geleia de marmelo. O copo é tapado com papel «selofan».*

12 *Um «stick» para a barba do Pai de Rita. Mas como ela ornamentou a caixa!!!... Nunca mais o Pai esquecerá presente tão útil e bonito.*

13 *Para a irmã de Palmira que está noiva, um envelope com papel de carta atado com fitas em papel «selofan». Uma côr de rosa, outra azul. Não é muito caro; faz arranjo, e fica bonito.*

14 *Para Roberto, irmão de Lúcia, fêz esta uma luva em pano turco para o banho.*

15 *Para Ana, uma pregadeira em forma de coração.*

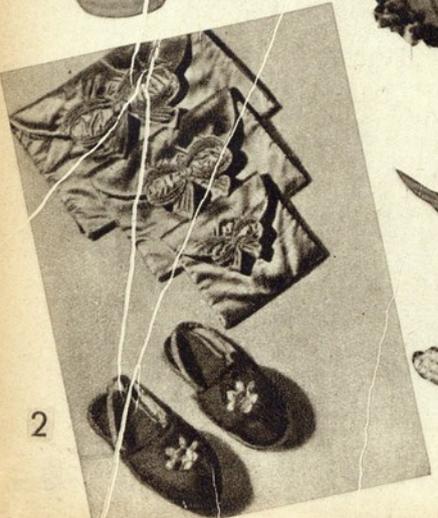
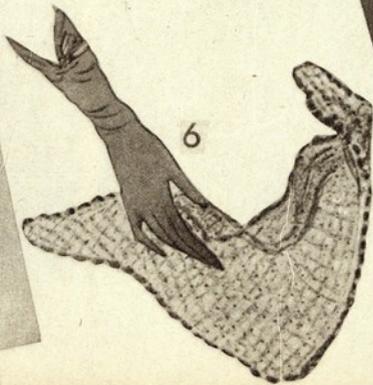
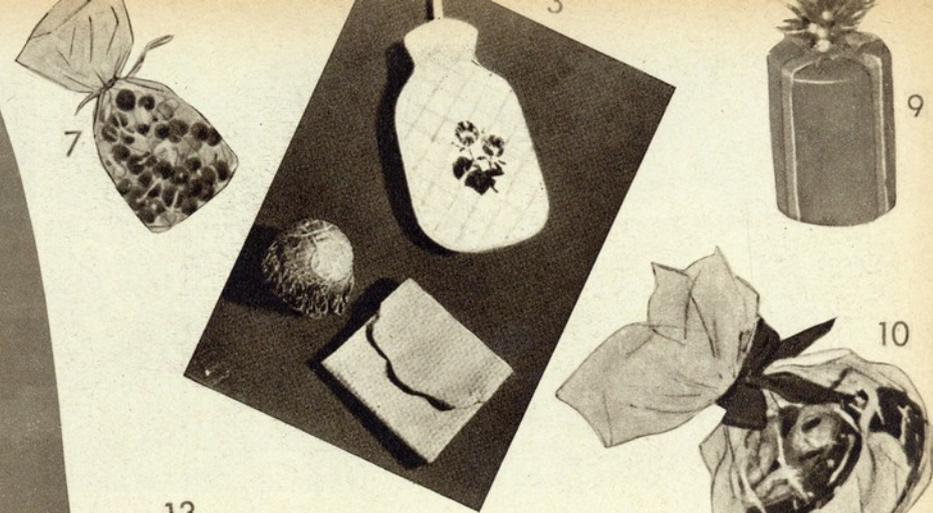
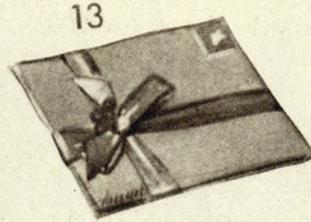
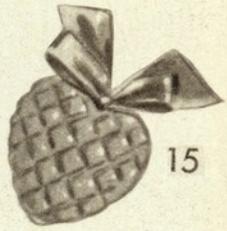
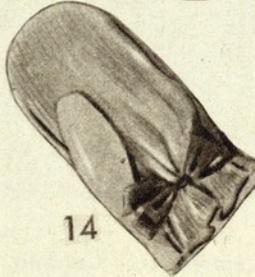
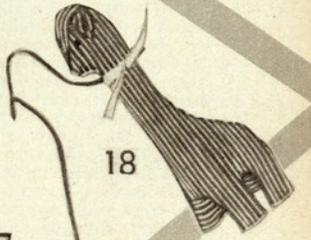
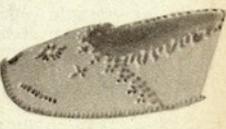
16 *Para Felismina, êste par de chinelas tão bonitas. Azuis escuras debruadas a encarnado.*

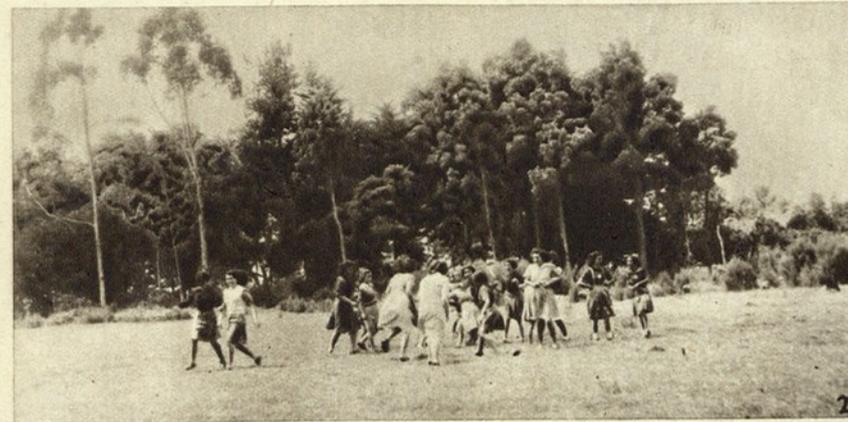
17 *Para a irmãzita de Laura: Um carneirinho feito em pano de lã preta e felpuda.*

18 *Para o bébé da amiga de Justina: boneco e guardanapo iguais.*

19 *Para a sua sobrinha de 5 anos vestiu Belmira uma boneca barata, que ficou linda!*

20 *Para João, de 12 anos, que anda no Liceu e joga «foot-ball», fêz Suzana estas meias com restos de lã.*

21 *Para Belarmina, de 7 anos, estes sapatinhos de trazer por casa, tão bonitos e tão quentinhos.*

Colónias de Férias da M. P. F.

FUNCHAL: 1 e 2 — Colónia de férias da M. P. F. em S. António da Serra

Colónia de Férios do Centro Escolar n.° 2, em Santo António da Serra, na Ilha da Madeira

Efectuou-se no passado mês de Agosto, na Ilha da Madeira, a primeira *Colónia de Férias* da Mocidade Portuguesa Feminina, na bela instância de Santo António da Serra, promovida pelo Centro-Escolar n.º 2, da Escola Industrial e Comercial do Funchal, em que tomaram parte cêrca de 20 filiadas, entre elas algumas protegidas pelo Fundo de Camaradagem do mesmo Centro, sendo a inscrição reservada a alunas com bom aproveitamento.

Dirigiu a «colónia» a directora do Centro sr.ª prof.ª dr.ª Maria Arlete Jardim, auxiliada pela professora Maria Aldora Olival.

A «colónia» durou oito dias, numa dependência, gentilmente cedida à Escola, da «Poisada da Serra» instalada na antiga Quinta Burnay, e durante ela as filiadas fizeram uma vida em comum superiormente orientada pela sua directora, com missa diária, palestras, gimnástica, jogos, passeios ao ar livre, visita ao Orfanato da frèguesia etc., voltando de Santo António da Serra com as mais gratas impressões.

A meio da semana de férias, a «colónia» foi visitada pelo Director da Escola sr. Dr. Albano Reis Gomes que convidou para o acompanhar na visita o Subdelegado da M. P. no Funchal sr. prof. Basto Machado e uma graduada do Centro n.º 1, do Liceu Jaime Moniz, que almoçaram e passaram o dia na «colónia» num ambiente de franca confraternização.

Colónia de Férias da Delegacia Provincial do Alto Alentejo

Realizou-se a III Colónia de Férias desta Provincia, como nos anos anteriores, na Quinta de Santo António, arredores de E'vora, tendo ali funcionado três Cursos de Graduadas: Chefes de Grupo, de Castelo e de Quina.

Funcionou a Colónia desde 13 de Agosto até 30 de Setembro, com aulas diárias para todos os Cursos, excepto aos sábados, que era destinado à visita aos monumentos da cidade e arredores.

O dia 8 de Setembro, Natividade de Nossa Senhora, foi de festa para a Colónia. As Graduadas levaram a Imagem de Nossa Senhora para um canto arborizado da quinta, colocaram-na num trono que primorosamente adornaram e aí lhe fizeram a guarda de honra até à hora do Têrço que foi rezado em comum com as Dirigentes, Professores e Instrutoras dos Cursos. Acabado o Têrço, realizou-se a cerimónia da queima das florinhas, pequenos sacrifícios oferecidos à Virgem durante a semana que precedeu a festa. Algumas Graduadas leram aí também alguns trabalhos, em prosa e verso, da sua autoria, e em honra de Nossa Senhora. Um dos Senhores Professores fez uma breve alocução, e, terminada a cerimónia, foi a Imagem levada processionalmente para a capela da Quinta.

No dia 14 do mesmo mês de Setembro, Exaltação da Santa Cruz, foi a Colónia em romagem a um Cruzeiro, levando cada filiada um ramo de flôres que ali depôs. Rezou-se o Têrço, proferindo, no principio de cada mistério, o Rev.mo Assistente Eclesiástico, algumas palavras alusivas ao acto.

A Colónia tinha um jornal cujo corpo redactorial era constituido pelas Chefes de Grupo; era lido aos domingos em presença de tôdas as filiadas, Graduadas, Instrutoras e Professores.

2.° Turno da Colónia de Férias em Monchique

NOTA: Por falta de espaço não podemos publicar o relatório por inteiro. Transcrevemos algumas passagens.

A Colónia, para mim, começou na estação de Beja, onde recebi vinte e seis filiadas de vários pontos do Baixo Alentejo: Beja, Moura e Ferreira, entrando as restantes na Funcheira, vindas de Alcacer do Sal, Alvito e Grandola.

...Chegámos a Portimão, terminus da nossa viagem por via férrea, por volta das 6 horas da tarde. Ao contrário do que costuma acontecer depois duma viagem longa, senti-me confortàvelmente numa terra desconhecida, e não sei se para isso contribuiu a vista do mar, logo que chegámos ao largo do Jardim. A's seis e meia tomámos a camionete para Monchique, onde a Colónia estava instalada no Colégio de Santa Catarina, pertencente às Irmãs Missionárias Hospitaleiras.

A maneira como as religiosas nos trataram foi edificante e não poderei deixar de me referir, em especial, à R.da Madre Superiora e à incansável Irmã Branca. Que actividade, que energia e que vida profunda!

...O horário, bem elaborado, com passeios diários, horas de repouso, jogos etc. foi sempre cumprido, excepto nos dias extraordinários, como foram os dos quatro grandes passeios que demos.

O primeiro foi à Picota, um pico que se avista da Casa da Colónia. Fizemos

ÉVORA: 3 — Chefes de Quina que freqüentaram o Curso; 4 — Exame de ginástica; 5 — Chefes de Castelo que freqüentaram o Curso

MONCHIQUE: Na Quinta dos Passarinhos — *Na Praia de Lagos* — *Na Mata*

Na Praia da Rocha

campismo, nêsse dia, no sopé, e depois do almôço subiram tôdas, quantas a saúde lhes permitiu, ao cimo do monte. Que maravilhosa vista! Lastimámos bastante não tirar fotografias, mas não conseguimos peliculas para a máquina.

O segundo passeio foi à Praia da Rocha, onde passámos um dia, e o encantamento das alentejanas é indiscritivel. Basta dizer que uma delas nunca vira o mar.

O terceiro passeio foi a Sagres. Almoçou-se na praia, depois do banho tomado na água cristalina e quási sem movimento, caso para admirar em pleno Oceano.

Fomos depois à Ponta de Sagres onde se realizou uma pequena mas expressiva cerimónia. Cantou-se o hino da M. P. F. Uma filiada recitou a poesia «O rochedo». Foi dado às filiadas, para o futuro, o seguinte programa baseado nas letras da palavra *Sagres*:

S — Sujeição à vontade de Deus
A — Amor ao ideal da M. P. F.
G — Grandeza de alma
R — Resolução de arranjar uma vontade forte, para querer e sempre
E — Esperança num Portugal maior, em parte assim tornado pelo nosso esfôrço
S — Servir, servir, servir

A Directora da Colónia disse algumas palavras que cada uma de nós guardou cá dentro. Por fim, cantou-se o hino nacional.

Visitámos também o Cabo de S. Vicente e o respectivo farol. Regressámos a Lagos e fomos jantar à Praia de D. Ana. Não conseguimos ver a Ponte da Piedade por já estar escuro. Chegámos a casa às 11 horas da noite.

O quarto passeio teve como objectivo percorrer a Costa no outro sentido. Armação de Pera, foi a primeira praia que visitámos. Almoçámos em Albufeira, onde tomámos banho. Seguimos depois para Silves, onde visitámos o Castelo, e daí para o Carvoeiro, dando um lindo passeio de barca a contornar aquelas muitas rochas e assistimos ao mais lindo pôr do sol, no Algarve. Jantámos e partimos pelas 10 horas da noite.

...A nossa festa! essa, ou essa! essa sim! Só direi que a festa de Nossa Senhora, realizada a 13 de Setembro, teve como início o baptisado de duas filiadas. Que festa linda! A cerimónia foi realizada na igreja da frèguesia, pelo Rev. Capelão do Colégio, P.e Carlos Patrício. A seguir houve missa na capela do Colégio (casa da Colónia) que as filiadas acompanharam com cânticos e em que quási tôdas receberam a Sagrada Comunhão.

Ao meio dia realizou-se uma sessãozinha que o Rev. Padre Carlos abriu com algumas palavras. Recitaram-se poesias, entoaram-se canções. Uma filiada cantou a Avé Maria de Schubert e fechou a sessão com uma palestra a Directora da Colónia.

A' noite, para encerrar o 2.° turno, houve a festa de «chama» da M. P. F. e no dia seguinte foi a debandada...

Stella Filomena Gomes da Costa Messano de Amorim

MARIA JÁ CASOU

Quando Marta apareceu, naquela manhã, encontrou a irmã, de grande avental, na cozinha.

— Explicaram-me ontem um prato de almôço, que deve ser esplêndido: quem sabe se nem tu o conheces? Chama-se Pisto!

— Conheço, Maria, e gosto bem dêle. Mas vais tu fazê-lo? Porque o não ensinas antes à Catarina, que está embasbacada a olhar para ti?!

— Então mexe-te, Catarina: põe na frigideira comprida (não é essa, mulher: essa é redonda) duas boas colheres de azeite a ferver.

Catarina, cheia de boa vontade, cumpriu a ordem.

— Nesse azeite tenho de deitar uma cebola às rodas finas.

— Eu prefiro picar a cebola — observou Marta.

— Mas a receita é às rodas. Agora, Catarina, enquanto a cebola aloira no azeite...

— Não a deixes esturricar, vê lá! — aconselhou Marta

— Corta-me em pedaços êsses três belos tomates, já descascados e sem sementes.

— Pronto, minha senhora.

Maria curvou-se sôbre a frigideira onde a cebola fregia.

— Cheira bem. Deita uns grãozitos de pimenta, sal, um ramo de salsa e o tomate. Agora, uma colher de pão ralado.

— Boto-le água, minha senhora?

— Oh mulher, livra-te! — gritou Maria — Agora deixa-se ferver tudo até estar uma papada.

— E ò despois? — tornou Catarina.

— Bate já três ovos bem batidos; clara e gêma. Junta os ovos na papada: isso. Vai, com a colher de pau, chegando os lados para o meio, assim! Para lhes dar uma forma comprida...

E Maria, juntando os actos às palavras, encostou a colher de pau aos lados do pisto, para que tivesse a aparência de um paio alentejano.

— Como tu fazes isso bem, Maria! — disse Marta.

— É que eu vi fazer isto mesmo à cozinheira dos primos. Agora é que é a operação mais delicada: assim eu a faça bem...

— Oh minha senhora, o que será? — disse Catarina.

— Dá cá um prato grande, rapariga — e Maria, com cuidado, voltou o pisto, fora do lume, para cima do prato, tornando, depois, a pô-lo na frigideira sôbre o lume.

— Assim, aloira dos dois lados e vai enchugando.

— Ai, que já oiço o sr. doutor a meter a chave na fechadura e o tal espito sem estar acabado! — gritou a agitada Catarina.

Marta e Maria riram com gôsto; e, enquanto Maria corria a tirar o avental e a lavar as mãos para o almôço, Marta ensinou a cozinheira a pôr o pisto na travessa e a metê-lo na estufa para que se conservasse bem quente.

Chá da Costura

Joana vinha excitada naquela tarde.

— Que cara é essa, Jana? — preguntou Clara.

— Tenho de desabafar, Clara, e é já — respondeu Joana — Vocês acham-me malcriada, bem sei, brutinha, rude...

— Que idéia!... — protestaram muitas.

— Nada disso — disse Clara — apenas impulsiva.

— Pois sim, pois sim, é para «dourarem a pílula», como se costuma dizer; e eu tenho consciência da minha péssima educação, mas vejo à roda de mim, nos eléctricos, na rua, nos cinemas, na igreja, por tôda a parte, enfim, tanta menina pior que eu...

— Conta, conta, Jana.

— ...que resolvi fundar uma campanha contra a grosseria!

— E és tu que diriges e campanha? — preguntou Rita, com malícia.

Joana virou-se para ela e respondeu:

— Sou eu, Rita, eu mesma! E vou já dizer-lhes as razões dêste desabafo. Meti-me no eléctrico, na baixa, e vocês sabem o que é o eléctrico da Estrêla à tarde. Empurrões, apertões, uma ch......

— Jana! — gritou Maria José, a sério.

— E' verdade que tu também empreendeste a campanha do português clássico.

— Entre o clássico e o ordinário, Jana, há um abismo...

— Bem; direi, então, uma espiga. Mas lá consegui entrar e sentar-me. Iam nos bancos do fim duas senhoras: mãe e filha. Pois a conversa delas, da mais insignificante banalidade, de resto, era dita tão de rijo como se ambas fôssem moucas! E todo o eléctrico ficou sabendo, sem ter nisso o menor interêsse, que a Mocas já não ia ao Pôrto, que a costureira faltara com o casaco e que a Lili ia meter a Fitina no colégio. Isto em berros, verdadeiros berros!...

— Realmente é incrível; mas sucede muitas vezes, para vergonha nossa.

— Quando me apeei, na R. João de Deus, desceu também um homem que parecia fino; mas logo escarrou com tal violência, que eu senti vontade... de lhe bater; e quando ia a chegar cá a casa surpreendi um garotão dos seus vinte anos encostado à parede, pintadinha de frêsco, do prédio grande, a rabiscar nela as suas contas!!

— E que fizeste? — preguntou Alice.

— Não resisti, e disse-lhe (embora a mêdo, confesso) que não estragasse a parede acabada de pintar...

— E êle?

— Olhou para mim, furioso, e resmungou: «metem-se com a vida de cada um». Mas foi-se embora dali. Naturalmente foi escrever noutra parede; não tenho ilusões...

— Tu tens imensa razão, Jana; e acho que tôdas devemos tomar parte na tua campanha de boa educação. Mas como? Não é fácil achar a maneira...

— Vou pensar no caso — declarou Joana, categórica.

— Pensemos tôdas; e agora... toca a trabalhar, meninas — disse Clara.

GENTE NOVA

V

Os serões em casa do general eram calmos e bons: lembravam as noites de tempos passados em que as famílias se reüniam em volta da mesa, trabalhando, lendo, conversando, fazendo música, jogando. Manuela e o marido iam às vezes com a filha ao cinema, ao teatro, aos concertos, às pequenas festas em casa de pessoas amigas, e a um ou outro baile; nessas noites ficava só Cecília com o Avô.

E Francisca Tereza gostava de se divertir, como era natural; mas apreciava também os serões pacatos, fazendo o seu «tricot» ou tocando, para delícia do general, Schumann, Chopin e Beethoven com verdadeiro encanto.

O piano era, para ela, uma das coisas boas da vida; e todos os dias estudava, com entusiasmo, preparando a lição semanal com um professor do Conservatório, seu mestre desde pequena.

por Maria Paula de Azevedo

(Desenhos de Guida Ottolini)

— *Anda, Tété — pediu o general, naquela noite — vai tocar a sonata em ré menor; nunca me canso de a ouvir...*

Francisca Tereza sentou-se ao piano, e encetou essa maravilhosa sonata de Beethoven a que vulgarmente se dá o nome de Recitativa.

Punha nela tôda a sua alma... Os primeiros compassos, em notas longas, lentas, profundas, intensas, como de um pensamento misterioso, tocava-os sempre de uma maneira muito pessoal; para atacar, com brilho e viveza, a frase seguinte, vibrante e rapida na qual parece haver uma interrogação... E quando, sobrepondo a mão esquerda à direita, encetava a melodia lindíssima, impregnada de dôr, Francisca Tereza parecia pôr, deveras a sua alma artista na ponta dos seus dedos!

Quando terminou o primeiro andamento, um côro entusiasta bradou:

— *Bravo, Tété! Bravíssimo! Continua! E só depois de tocar o maravilhoso andante (os mais belos que Beethoven compôs) e o delicioso final, onde se repete, sem nunca cansar, o lindo motivo em ré menor, é que Francisca Tereza se levantou do piano.*

O avô, enternecido até às lágrimas, não pôde deixar de a beijar; e teve esta frase de desculpável orgulho:

— *Pareces-me uma andorinha a levantar uma águia...*

— *Eu cada vez gosto mais de tocar esta sonata, Avôzinho — comentou Francisca Tereza.*

— *Sabem que o Rodrigo Paes pensa em ir para a Africa? E' uma mania como outra qualquer — declarou Manuel, que interrompera o estudo no seu quarto para vir dar aquela notícia.*

— *Acho muito bem — disse o pai, levantando os olhos do jornal — Na Africa tem êle um belo futuro.*

— *Tu achas, Jorge?! — preguntou Manuela — Não posso convencer-me disso. Então um agrónomo não está melhor em Portugal?*

— *A mana não dá pio? — tornou Manuel, interpelando Francisca Tereza.*

— *Coitado do Rodrigo; tenho pena, e muita, se êle se vai embora — respondeu ela.*

— *Minha rica — tornou Manuel — se lhe disseres isso sem tirar nem pôr... está-se a vêr que êle perde a mania de cavar!*

— *Cavar?! — preguntou o general, olhando o neto por cima dos óculos e sem compreender.*

— *Deixe lá, Avô, é linguagem de agora: cavar quer dizer ir-se embora, na língua dêles — disse Francisca Tereza, rindo.*

— *Então, Tété, tens essa influência no Rodrigo Paes? — preguntou Manuela com interêsse.*

— *E é mesmo! — gritou Manuel, saindo da sala a correr.*

— *O Rodrigo é um excelente rapaz — observou Jorge, acendendo um cigarro e passeando pela sala — Mas não creio que venha a triunfar na vida, isso não.*

— *E' inteligente e bom, Pai, isso é que é certíssimo — disse Francisca Tereza com calor — Mas é um tímido... — acrescentou.*

— *Nem sempre a audácia faz triunfar — murmurou Cecília, recordando o marido, tão cheio do espírito de aventura...*

— *Hoje em dia, filhas, é a audácia que triunfa; os timoratos, os modestos, os encolhidos, não passam da cêpa torta — declarou o pai.*

— *Oh Pai, não diga isso com tanta fôrça — interveio Francisca Tereza — Então o casal Curie, por exemplo, não trabalhou na sombra, no silêncio? E o célebre Pasteur? E tantos, tantos...*

— *Isso era noutros tempos, Tété! Hoje em dia...*

— *Em parte acho-te razão, Jorge — interveio o general — mas não em absoluto: porque o principal é haver o talento, o merecimento, o estudo.*

— *Eu acho que o Rodrigo tem imenso valor, Pai — tornou Francisca Tereza. — E os pais pareciam admirados daquela declaração tão categórica.*

— *E que pensas tu do José Paulo, Tété? — preguntou Cecília, encarando a irmã com interêsse.*

Francisca Tereza còrou ligeiramente, e não respondeu logo.

— *Ahi está um que há-de ir longe... — murmurou o pai, continuando o seu passeio pela sala.*

— *E' um rapaz interessante — disse Manuela — E faz gôsto ouvi-lo falar dos seus planos, das suas idéias, dos seus projectos...*

— *E' muito ambicioso, é — disse Francisca Tereza.*

— *Um rapaz quer-se assim — declarou o pai — não é natural a ambição quando se é novo?*

— *Conforme — tornou o general — Ambição demasiada, não.*

— *E não será sobretudo a da riqueza que domina no José Paulo? — preguntou Cecília — é uma ambição que não tem grandeza... — acrescentou.*

— *Tudo isso são verduras da mocidade — concluiu o pai.*

Nêste momento, porém, romperam pela sala as três senhoras Vila Fresca, uma viúva e duas solteiras, que vinham passar o serão de vez em quando.

— *Trazemos grandes novidades — declarou D. Ernestina, a viúva.*

— *Nós não somos más línguas, Deus o sabe: mas há coisas... — disse D. Alzira, sentando-se ao pé de Manuela.*

— *Se se vai a aceitar tudo na sociedade, onde iremos parar? — acrescentou D. Ermelinda, com ar compungido.*

Jorge, aborrecido, encolheu os ombros disfarçadamente. O general, depois de tossir com fôrça, perguntou:

— *Mas de que se trata, minhas senhoras?*

— *Ah, o general há-de achar interêsse nas nossas notícias — respondeu D. Ernestina — são coisas que só no tempo de hoje podem dar-se, infelizmente!*

— *Antes de mais nada é preciso explicar... — meteu D. Alzira, confidencialmente.*

— *Deixa falar a Ernestina, Alzira — disse D. Ermelinda em tom de censura.*

— *Sabem, com certeza — tornou a viúva — que os Andrades perderam a fortuna tôda em papéis do Brasil, não é?*

— *Coitados, já se fala nisso há tempo — disse Manuela.*

— *Pois a mãe e a filha, ambas essas insensatas, (nem acho outro nome que lhes dê) enquanto o pae lá está em Cabo Verde, num empregosinho sem importância, resolveram... empregar-se também, imaginem!*

— *Gente tão fina, tão educada, é um escandalo! — observou D. Alzira, com indignação.*

— *Isso é exagêro, Alzira — disse Manuela — Não vejo escandalo nenhum em que as pobres senhoras trabalhem para ajudar a família!*

— *Pobres senhoras, não: nobres senhoras! — tornou D. Ernestina — e é preciso não esquecer o velho ditado francês que diz: Nobrêza obriga!*

— *Mas, minha senhora — disse Jorge, impaciente — uma das coisas a que a nobrêsa obriga é a proceder bem. Ora em que é que as senhoras Andrades procedem mal? Porventura êsses trabalhos são vergonhosos?*

— *Não fica bem, na nossa classe, uma senhora empregar-se; olhe a pobre Cristina, coitada, que tem tão pouco, se algum dia pensou em empregar-se! Lá vai vivendo, coitadita, come em casa duns e doutros, e senão fôssem os presentes de algumas pessoas, nem sei como poderia viver.*

— *Então não é preferível fazer o que fazem as Andrades? — preguntou Francisca Tereza.*

— *Também sou dessa opinião — declarou Cecília — e se eu precisasse de fundos para educar a minha Maria do Céu, não hesitava em empregar-me.*

— *Pois fazias mal, menina; e tal não quiz a Providência — disse D. Ernestina, convencida.*

— *Também ouvimos dizer que a Domingas Paes (a tua amiga, Tété) namora um banqueiro riquíssimo divorciado e com dois filhos...*

— *Oh! — exclamou o general.*

— *A Domingas! — disse Manuela — que sabes tu a êsse respeito, Tété?*

Francisca Tereza respondeu, simplesmente:

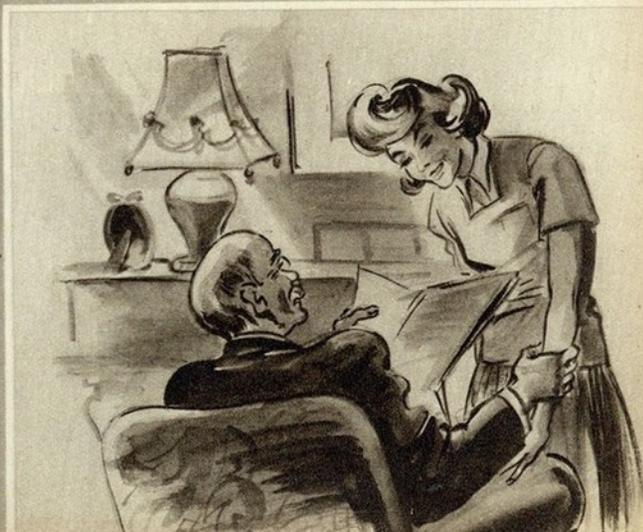
— *Não creio a Domingas capaz de se registar, Mãe. Há realmente um ricaço que lhe fez declarações várias; mas ela pertence à Juventude Católica, e já lhe disse que não pensasse nela nem ao longe.*

— *Agua mole em pedra dura... — murmurou D. Alzira.*

— *As meninas que têem muita liberdade — tornou D. Ernestina — vêem-se às vezes em situações dessas.*

— *Não, Esnestina — respondeu Manuela — se uma rapariga fôr séria a valer, e fiel aos seus princípios, às ideias que lhe ensinaram, tanto faz ir acompanhada como sôzinha: procede da mesma maneira.*

— *Ah, filha, eu quando era rapariga nova até teria mêdo de ir às festas sem a mamã sempre ao meu lado — disse D. Ermelinda, que era a mais piêgas.*

(Continua)

Sob o nevoeiro

ERAM 4 e meia da tarde e parecia ser já de noite, tão denso era o nevoeiro que envolvia a pequena cidade inglêsa... Quica de nariz no ar, sorvia o ar frio e úmido que lhe molhava as faces de um modo estranho e regressava, sem pressas, a casa, contemplando, interessada, as casas de tijolo avermelhado ou alguma montra de loja, embaciada pelo nevoeiro. Com uma pontinha de orgulho, metia o nariz aqui e ali e pensava consigo: — Já não sou qualquer badameca, esta vinda a Inglaterra é uma prenda de valor em qualquer burguezinha portuguesa! — E .rindo, acrescentou: — Esta sorte vale tanto ou mais que o meu diploma do liceu! Que pena sermos tão «snobs»! uma ida ao estrangeiro é um fato que nos vai bem! Será! Porém eu quero que o sacrifício feito pelos meus pais não seja tomado só assim! A minha vinda aqui tem de produzir qualquer coisa de útil, não preciso sòmente de aprender o inglês, mas observar bem tudo o que me cerca, as instituïções sosociais notáveis neste país e à volta tentar... tentar, não sei o quê, mas qualquer coisa de útil no meio em que vivo! A cidade, mesmo sob a bruma é interessante e vale a pena ver! Eu já me oriento às mil maravilhas, nem pareço uma portuguesinha, como dizem os primos!

E Quica, olhando o seu amplo casaco de «tweed» impermeável, sorriu contente de si própria. Um letreiro chamou-lhe a atenção*: Kindergarten School for little children under six!* Sem saber porquê Quica parou a contemplar o letreiro singular e um pensamento que desde criança por vezes lhe acudia atravessou aquêle cerebrozito azougado.

Talvez aquelas letras luminosas fôssem um norte na vida dela! Se ela se tornasse um dia jardineira de crianças! Jardineira para tôda a vida, não, o seu ideal seria ter um lar que ela pudesse alindar a seu jeito e filhos para educar muito bem! Mas para tudo isso era necessário desencantar o príncipe dos seus sonhos, como ela dizia! E se êsse príncipe nunca viesse, Quica pensava muita vez que o melhor seria ficar solteira e dedicar-se ao bem dos outros. Quica gostava muito de crianças e orgulhava-se de ser a preferida dos primos pequenos para as suas brincadeiras, e a idéia de que dentro daquelas paredes havia crianças aguçou-lhe a curiosidade e sem saber como nem como não Quica achou-se a carregar no botão da campainha. Um som despertou-a, envergonhou-se daquele acto irreflectido, era porém tarde demais! A porta abriu-se de par em par e uma loira «nurse», grave e impecável nas suas vestes brancas, preguntava-lhe, sorridente:

— *Well, miss, what do you want?*

— Desejo ver as crianças!... E Quica espantou-se do desembaraço com que respondia à grave personagem.

— Isso só de manhã. Das nove ao meio dia! E precisa de autorização da directora. — Sorriu gravemente a criada.

— Posso falar-lhe agora?

— Talvez. Entre e espere um pouco...

A criada introduziu Quica num gabinete confortável e quente que era a um tempo escritório e salinha de estar, onde a gente se sentia bem à primeira entrada. Na chaminé ardia um fogo acolhedor. Quica estendeu para êle, numa atracção, as mãos geladas, quando a porta se abriu e uma senhora alta e simpática surgiu.

— A senhora é a directora?

— *Yes, Miss Brown if you please!*

— Que me deseja? — E, rindo ajuntou: — Penso que é demasiadamente, grande para freqüentar o meu «jardim-infantil»! e muito nova para ter crianças a educar!

— Pois engana-se; desejo freqüentar o seu «jardim infantil»! — Quica còrou do desembaraço com que falava, mas no fundo estava encantada com o acolhimento de Miss Brown — Olhe eu sou portuguesa... passei na rua... vi o letreiro e lembrei-me de entrar e preguntar se me deixariam cá vir durante algum tempo aprender a lidar com os pequeninos... gosto muito de crianças...

Miss Brown olhava — muito séria.

Quica sentia-se, agora, desconcertada ante aquêle olhar insistente que parecia prescrutar-lhe a alma... Miss Brown então falou:

— Terei muito gôsto em vê-la cá, porém... pensa que basta apenas gostar para tomar a grave responsabilidade de guiar as almas pequeninas e frágeis das criancinhas? Não a quero atemorizar, mas venha e depois diga-me francamente se tem coragem!

— Tenho! — respondeu Quica com fôrça.

— Espero que sim! Os portugueses são homens de fôrça e de valor, mas sonhadores! Conheço-os um pouco...

— Conhece? Já esteve em Portugal? — exclamou Quica com entusiasmo.

— Não estive, porém a minha trisavó era portuguesa.

— Sim? Que engraçado!

— Por isso tenho uma especial simpatia pela vossa terra e pela vossa gente! Sentir-me-ei muito feliz em conviver consigo, parece-me viva e inteligente e isso é o essencial para lidar com bébés.

— Quando posso vir? — preguntou Quica.

— Quando quiser... àmanhã por exemplo, das nove ao meio-dia.

— Cá estarei e farei o possível por ser uma ótima discípula... — O relógio bateu as cinco horas, Quica lembrou-se repentinamente que era a hora do chá e receosa de demorar Miss Brown, nesse acto solene para tôda a boa inglêsa, levantou-se apressada: — Então, até àmanhã.

— Para onde vai com essa pressa?

— Esperam-me em casa!

— Verdade? Não me quererá dar o prazer de tomar comigo uma chávena de chá?

A porta da sala abriu-se e uma criada entrou, trazendo uma mesinha com chá e bolos.

— Oh! minha senhora, com muito gôsto... — E Quica pensava: «O que dirão em casa? Que amabilidade! De facto os inglêses são muito hospitaleiros!» E olhava Miss Brown com muito interêsse e simpatia.

— O prazer é todo meu! Um pouco do meu sangue é igual ao da menina! Será por isso que me interessa o seu convívio, contudo parece-me que a conheço de há muito!

— E' engraçado, a mim acontece o mesmo, sinto-me tão bem junto de si...

Servindo o chá com aquela maneira singular que os inglêsas sabem ter naquele acto, Miss Brown preguntou:

— Onde vive aqui?

— Em Belcaro...

— Em casa daquela excelente senhora que é Miss Ellis?...

— Aí mesmo, Miss Ellis é minha prima.

— Eu sabia que ela era de origem portuguesa e sabia até que ela tinha uma prima muito gentil que lhe escrevia cartas encantadoras e tinha um nome tão engraçado que eu até baptisei a minha gata com êsse mesmo nome... Chama-se «Quica»...

Quica sorriu divertida:

— O meu nome não é Quica, mas sim Margarida... começaram a chamar-me Quica e para todos é êsse o meu nome!

— Não se ofendeu por o ter pôsto à minha gata?

— Que idéia! Até gostei muito!

— E eu! não imagina o que me encantava ter uma gata com um nome português... quere vê-la? — E indo à porta, chamou: — Quica, Quica...

Quica sorriu-se do modo como ela pronunciava o nome dela. Ao chamado de Miss Brown acorreu uma gatinha angora cinzento-azulada, a dar turras de contente no veludo dos «maples».

— Aqui Quica... — chamou Miss Brown. Num salto ágil esta veio parar ao colo da sua dona que a fazer-lhe festinhas enumerava as habilidades dela.

— E' muito linda a sua Quica! E mansinha! — elogiou Quica...

— Lá isso não! Briga muito com os gatos das vizinhas, é uma valente, valente como os portugueses a cuja língua ela deve o nome.

— Exactamente!... Gosto imenso de si, Miss Brown! — Quica còrou desta expansão involuntária e explicou tímida: — E' uma alegria tão grande encontrar, longe da nossa terra, quem apesar de estrangeira a olhe com simpatia e carinho! Eu gosto muito da minha terra pequenina.

— E faz muito bem, Quica! Amar profundamente a nossa terra é a prova de uma alma recta e nobre! Eu também gosto muito de si! Sem a conhecer éramos afinal tão conhecidas, o mundo é tão pequeno! Vamos ser grandes amigas. Vai ver como vai gostar das minhas aulas e dos meus bébés! Lidar com crianças é obra de anjos e eu tenho a impressão de que a sua alma tem qualquer coisa de celestial!

Quica còrou ainda mais intensamente:

— Não, Miss Brown eu sou uma rapariga igual ás mais... só talvez pense de maneira diferente de algumas das minhas conterrâneas. Há quem diga que sou uma sonhadora...

— Talvez! Mas deve sonhar decerto muita coisa boa, adivinho!

—Isso é a opinião sua, que ainda não vale, conhece-me há tão pouco!

— Mas sei lêr um pouco nos olhos das criaturas!

— E já leu tôdas essas coisas boas em mim? Receio que se haja enganado. O que penso muitas vezes, Miss Brown, é que desejo muito fazer qualquer coisa de útil e bom na vida, fazer valer os dons que Deus me deu...

— Conhece a parábola dos talentos?

UMA PORTUGUESINHA NO SUSSEX

III

Trabalhos de outono

Brincando na eira...

PRASCÓVIA

(Conclusão da página 7)

prestes a deixar o convento, a abadessa, que lhe queria como a uma filha, tentou retê-la junto de si. Prascóvia prometeu apenas à superiora que escolheria o convento de Nijêni para seu último retiro, se alcançasse a felicidade de poder realizar a sua piedosa missão; mas como queriam que ela formulasse o juramento de voltar para ali, a jovem recusou, respondendo: — «Sim, sem dúvida, sentir-me-ia muito feliz em aqui acabar os meus dias, mas sei por ventura o que Deus exige de mim? Qualquer que seja a vontade da Providência terei que me submeter ao que ela me ordenar». E partiu. A superiora do convento conseguira algumas facilidades para que Prascóvia pudesse alcançar Moscovo e S. Petersburgo. Havia dezoito meses que a filha de João Lopouloff deixara os pais quando chegou a esta última cidade.

Com as cartas de recomendação que lhe haviam dado, dirigiu-se às moradas indicadas, mas como se Deus tivesse querido que a corajosa criança a si própria devesse ùnicamente o sucesso do seu sublime empreendimento, de ninguém se pôde valer, pois que se achavam ausentes uns, e dos outros não conseguiu sequer descobrir o paradeiro. Havendo-lhe alguém dito que o Senado tinha poderes para fazer quebrar a sentença que condenara seu pai a um exílio perpétuo foi aí que Prascóvia se dirigiu primeiramente, mas ignorando, a pobresita, o uso habitual a que indispensàvelmente qualquer passo para pedir justiça necessita de se submeter, com a maior ingenuidade se foi sentar no primeiro degrau do palácio do Senado esperando a passagem dum senador afim de lhe pedir o perdão para o exilado.

Fica porém perplexa porque nem mesmo sabe o que seja um senador. Vêm passando oficiais em grande uniforme, magistrados com as suas togas, camaristas com seus fatos de côrte, e como ela ignora que o Senado é composto por todos êsses grandes dignatários do exército, da justiça e do palácio imperial, deixa-os passar a todos, dizendo para consigo: «Não será talvez ainda o senador!» Torna a voltar outros dias mas sempre sem saber a quem fazer o pedido. Por fim, resolve-se a entrar no palácio, e chegada a uma chancelaria vai de escritório em escritório, preguntando em que sala se encontram os senadores: a sua vozita é tão fraca e fala com tanto acanhamento que ninguém lhe dá atenção; trémula e confusa esbarra ao voltar-se com um guarda do palácio que irritado a toma por um braço e a põe fora; enquanto ao mesmo tempo lhe explica com rudeza que apenas numa súplica por escrito se pode dirigir ao senado. Isto é já para Prascóvia alguma coisa, e longe de se revoltar contra quem a trata tão mal, agradece a Deus o esclarecimento que acaba de receber. A petição foi depressa redigida. Um mercador em casa do qual ela obtivera alojamento presta-lhe o serviço de escrever tudo nos termos da fórma habitual. Armada com o seu papel, a pequena, que já sabe agora o que é um senador, volta a postar-se na grande escadaria e apresenta a folha aos senhores que vão subindo; um toma-a por uma pedinte e diz lhe: «Deus te abençoe pequena!» mas não lhe dá nada; outro mete-lhe na mão uma cédola de cinco rublos; mas ninguém quere ver o papel. Voltando um dia da sua triste e longa espera à porta do palácio, ocorre-lhe a idéia de trepar à estátua de Pedro o Grande e de confiar á mão de bronze do grande imperador a súplica que ninguém lhe quere aceitar.

A princesa de T... atravessava nesse momento o Newa; e notando o gesto da rapariga, manda-a chamar por um dos seus criados e informa-se do motivo que a leva a apresentar aquêle papel à estátua imperial. «Qual era a tua idéa, minha filha, o que esperavas? diz-lhe a princesa — «Minha senhora, diz Prascóvia, esperava em Deus, que tem o poder de fazer descer até mim o imperador, já que eu o não tenho de subir até êle». Impressionada com aquela resposta a princesa toma a petição da criança e diz-lhe: — «Fica socegada que o imperador há-de lê-la».

De facto dois dias mais tarde Alexandre I conhecia já tôda a história de Prascóvia. A imperatriz mesma, fez vir à côrte a filha do exilado sem que no entanto lhe dissessem prèviamente que ia ser apresentada à familia imperial.

Ao atravessar a sala do trono, Prascóvia, não suspeitando que aquêles que, acompanhavam fôssem o czar e as duas imperatrizes, que faziam à criança as honras do palácio imperial, Prascóvia, diziamos nós, parou, e caindo de joelhos em frente do trono vazio e beijando os degraus com transporte exclamou: «Ó meu pai! se soubesses onde o poder de Deus me conduziu! O' meu Deus! abençoai êste trono, e fazei que aquêle que o ocupa não seja surdo às minhas súplicas e insensível às minhas lágrimas». Mal acabara de proferir estas palavras, e já o indulto para João Lopouloff havia sido concedido.

Prascovia pediu ainda também pelos dois exilados que a haviam acompanhado até ao limite da aldeia, dizendo-lhe: «Até à vista!». Não os tornou contudo a ver, pois logo que deu por concluída a sua difícil emprêsa lembrou-se da promessa que fizera às religiosas de Nijêni. Para ali voltou e passado um mês tomava hábito; mas como se o têrmo da sua peregrinação devesse ser também o da sua vida, a jovem, esgotada por tantas fadigas, sentia as fôrças diminuirem de dia para dia; e esperava com impaciência que a familia partisse do exílio e a viesse ver ao convento onde lentamente a sua vida se extinguia. Morreu na véspera em que seus pais deviam chegar, a 8 de Dezembro de 1809. «Paciência, disse ela ao expirar, vê-los-hei no céu!»

— Conheço. E' isso mesmo... Até aqui não sei se tenho o verdadeiro dom de lidar com crianças, mas talvez eu pudesse um dia ter um jardim infantil lá em Portugal...

— E porque não?

E assim conversando com entusiasmo Quica esquecera por completo a casa da prima e por isso foi com verdadeiro sobressalto que despertou do seu sonho, ao ouvir o som melodioso do relógio bater as seis horas.

— Meu Deus, que tarde! Esperam-me em casa!

— Diga-lhes onde esteve que decerto lhes dará prazer! Miss Ellis é muito minha amiga!

— Gosto também muito dela! Desculpe-me ter abusado da sua hospitalidade, Miss Brown...

— Deu-me muito prazer! Espero-a àmanhã às nove em ponto! Oiço dizer que os portugueses não são pontuais... — juntou ela, irónica.

— Isso é o que dizem, não acredite!

— E, rindo Quica, desceu ràpidamente a escada. Na rua o nevoeiro tornara-se mais espêsso, mas ela não reparava nisso, sentia-se feliz, prêsa do seu novo sonho:

— Meu Deus — pensava ela: — quem me dera ser alguém na vida que trabalhe para o bem dos outros e da minha terra!...

Maria Evelina

TRABALHOS DE MÃOS

PREPAREMO-NOS PARA O INVERNO

NÊSTE fim de outono maravilhosamente luminoso e quente, custa a crêr que algum dia possa vir tempo frio.

No entanto o inverno está-nos à porta. Cêdo chegará Dezembro com seus rigores e suas festas familiares.

Vamos dar uma volta ao nosso guarda fato a vêr o que pode ser transformado e remodelado.

Nos tempos que vão correndo as fazendas de lã são um luxo que a maior parte dos paises da europa não tem. As fazendas antigas são de melhor qualidade, aquecem mais e amarrotam-se menos.

Às vezes um vestido transformado fica mais bonito do que um novo; e agora que a vida está tão dura, não temos o direito de desperdiçar nada.

Tudo se pode aproveitar. Com habilidade e paciência tudo ficará como novo.

Sò algumas poderão dar-se ao luxo de comprar coisas novas, porém tôdas ficarão janotas.

Eis aqui algumas idéias.

M. B.

1 Êste é o vestido de saia e casaco para cerimónia. Vejam que lindo corte. Abotoa até a cima com botões de fantazia. Confortável e feminino.

2 Olhem a bela idéia de Eliza. Do vestido velho e acanhado fêz uma linda blusa com mangas compridas. Forradas as bandas e punhos do casaco, quem dirá que êste lindo conjunto já tem 3 anos?

3 O casaco que há dois anos faz serviço foi inteiramente modificado. Desmanchado, limpo e escovado, foi puchado para cima para lhe dar outro feitio. E para ficar com uma nota original foi debruado de outra côr. Com um vestido de lã, cuja côr se harmonise bem com o casaco, está Marta preparada para o inverno.

4 Eis aqui como foi aproveitado o vestido chadrezinho da irmã mais nova de Lúcia. Não está janota? Tem muito chic e Lúcia executou isto com grande perfeição.

5 Silvina mandou voltar o casaco; para lhe dar novidade forrou as bandas e bolsos dum escocês engraçado igual ao vestido novo de inverno. Fêz também a bolsa. È um conjunto muito elegante e próprio para raparigas.

3 1 4 5 2